

# HOMOFOBIA E VIOLÊNCIA NOS CONTOS DE CAIO FERNANDO ABREU: UMA OPÇÃO DE LEITURA NO ENSINO TÉCNICO INTEGRADO

Luciana de Queiroz  
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

“O meu prazer  
Agora é risco de vida  
Meu sex and drugs  
Não tem nenhum rock 'n' roll”  
(Cazuza)

Ler qualquer obra de Caio Fernando Abreu (1948-1996) é uma atividade que sacode os nossos paradigmas coletivos e, porque não, individuais. Desmascarar seria talvez a palavra de ordem, pois o autor gaúcho sempre apresenta ao leitor assuntos os quais a nossa sociedade brasileira nem sempre está acostumada a encarar. Segundo o dicionário Aurélio, desmascarar pode significar também “dar-se a conhecer tal qual é; revelar os próprios desígnios”, e é demonstrando nossas intenções, projetos e propósitos que Caio F. (como gostava de ser chamado) nos faz conhecer melhor quem somos e em quem ou o que acreditamos. Assuntos ainda tratados como tabu no Brasil como a astrologia, a Umbanda, o Candomblé, e as relações homoeróticas são expostos pelo autor de forma direta, mas ao mesmo tempo refinada, o que provoca no leitor o sentimento da boa estranheza, característica peculiar à literatura de qualidade. Além disso, Caio F. apresenta em sua narrativa fragmentos de músicas, filmes e citações de escritores e filósofos, o que torna suas narrativas um imenso palimpsesto com estrutura que, às vezes, foge do conto tradicional e lembra uma montagem cinematográfica. Retrato-me ao conto, pois este é o gênero narrativo mais desenvolvido por este escritor, embora tenha escrito narrativas para crianças, dramaturgia, crônicas e romances.

*Morangos Mofados*, um de seus livros mais famosos, foi publicado em 1982, mesmo ano em que Marcelo Rubens Paiva publica *Feliz ano velho*, e Ana Cristina César o seu *A teu pés*. Não é uma coincidência simples, pois o país estava vivendo os seus últimos anos de regime ditatorial. E nessas obras vimos a ânsia de liberdade, mas também a descrença no presente. Neste livro de contos, Caio Fernando Abreu retrata o desespero de personagens antes tão participativos do movimento da contracultura e que na década seguinte, depois da morte de Lennon e do surgimento e falência dos regimes ditatoriais, encaram uma realidade vestida de desesperança, infelicidade e repressão. Caio retrata, pois, o estado de crise dos anos oitenta, anos em que no Brasil o resultado de tanta luta política e cultural da década anterior

se transformou num grande “para quê?”. Nas palavras de Heloísa Buarque de Holanda (2005, p.9)

Apesar da tentativa de olhar com certo distanciamento histórico-existencial a viagem do desbunde, *Morangos* não deixa de revelar uma enorme perplexidade diante da falência de um sonho e da certeza de que é fundamental encontrar uma saída capaz de absorver, agora sem a antiga fé, a riqueza de toda essa experiência.

A coletânea de contos aborda a tragicidade social, visto que os personagens retratados enfrentam situações de violência física, moral e de opressão psicológica. Geralmente situados em espaços tipicamente urbanos como apartamentos, ruas, bares e escritórios, esses personagens inadaptados aos moldes de uma sociedade tipicamente machista, cristã, e autoritária enfrentam situações reais de desconforto e perseguição.

Esse é um dos motivos pelos quais os adolescentes se sentem atraídos por narrativas como as de Caio Fernando Abreu, visto que reproduzem situações de vida parecidas com as vividas por eles. Segundo Adorno (2003, p. 56) “a falta de concentração dos leitores” se deve à “matéria comunicada e à sua forma”. Matéria e forma são critérios que marcam as denominadas epopeias negativas, conceito este formulado por Adorno em seu artigo “A posição do narrador no romance contemporâneo”. As epopeias negativas são as narrativas em que o princípio épico da objetividade é demolido e o subjetivismo da linguagem é ricamente explorado. Nestas narrativas o fluxo da consciência é, pois, largamente desenvolvido. Para Humphrey (1976, p.2) é definido como ficção do fluxo da consciência

um tipo de ficção em que a ênfase principal é posta na exploração dos níveis de consciência que antecedem a fala com a finalidade de revelar, antes de mais nada, o estado psíquico das personagens.

A ação narrativa tradicional (observada por Aristóteles na *Poética*), não mais representa o homem pós-guerra do século XX marcado por desastres sociais. Este, então, encontrará no pensamento sua forma de revelar suas frustrações e desejos. Dessa forma, estas narrativas abolem a representação fotográfica do real e a transfiguram em imagens psicológicas do devaneio, do sonho ou da memória. Assim, a matéria comunicada, ou seja, o assunto (desejo, sentimentos, lembranças, etc.) e sua forma (a manifestação do pensamento transformada em linguagem) são os atributos que, segundo Adorno, fazem com que este tipo de narrativa atraia o público leitor contemporâneo. Pois segundo ele

o impulso característico do romance, a tentativa de decifrar o enigma da vida exterior, converte-se no esforço de captar a essência, que por sua vez aparece

como algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais (ADORNO, 2003, p.58).

E é a prisão das convenções sociais que Caio Fernando Abreu mimetiza em suas narrativas. Amores truncados, parceiros que não se compreendem (“Diálogo”), jovens antes revolucionários que percebem que a única saída é fugir para outro país ou o suicídio (“O dia em que urano entrou em escorpião”), amores oprimidos (“Aquele dois” e “Terça-feira gorda”) são exemplos de temáticas encontradas em *Morangos Mofados*.

Com narradores também em primeira-pessoa, as narrativas de *Morangos Mofados* apresentam personagens que, numa linguagem aparentemente desfragmentada e caótica, narram seus sentimentos através da técnica narrativa do fluxo da consciência. Discípulo de escritores como Clarice Lispector, Caio F. soube transferir em linguagem inquietações e vontades do homem brasileiro da segunda metade do século XX. Fase tão conturbada de nossa breve história, época de repressão política, e do surgimento de doenças avassaladoras como a AIDS, que tanto perturbaram toda uma geração acostumada com a liberdade sexual iniciada e celebrada nos anos sessenta.

Conversas em sala de aula sobre o escritor gaúcho despertou o interesse dos alunos do 1º ano do ensino integrado (médio e técnico) para a leitura dos *Morangos Mofados*. Encantados com a linguagem e com as temáticas do livro, os alunos o liam e comentavam espontaneamente em sala de aula suas experiências. Esse fato fazia com que os outros alunos desejassem lê-lo também. Assim, o livro foi passando de mão em mão. Segundo Braga (2006, p.4) é de responsabilidade dos mediadores da leitura, “desenvolver a noção de que a Literatura dialoga e poetiza a história social, mas nunca a reproduz”. Dessa forma, esclarecer aos alunos que a literatura mimeticamente produz uma nova realidade, porém baseada em eventos reais, é fundamental para o desenvolvimento do gosto pela leitura de textos literários. Dos contos da coletânea de Caio Fernando Abreu um chamava mais atenção dos adolescentes, o conto “Terça-feira gorda”. Esse dado justifica, então, a escolha desta narrativa para ser analisada aqui.

“Terça-feira gorda” narra a história de um encontro amoroso entre dois homens num dia de carnaval, a terça-feira gorda. O narrador em primeira pessoa inicia o conto sem deixar claro ao leitor qual o seu sexo, porém, logo declara “eu estava todo suado” (p.56), o que explicita que realmente se trata de uma relação homoafetiva, já que o outro personagem já tinha sido descrito: “Usava uma tanga vermelha e branca, Xangô, pensei, Iansã com purpurina

na cara. Oxaguiã segurando a espada como braço levantado” (p. 56). Uma característica das narrativas de Caio Fernando Abreu é a referência às divindades de cultos afrobrasileiros, nesse caso Xangô, Iansã e Oxaguiã. Escritor da contracultura, Caio F. se utiliza de elementos e temas simbólicos que representam este movimento artístico e cultural iniciado por artistas marginalizados que se uniram para se contrapor à ordem estabelecida e à ditadura do mercado da arte e ao consumismo. Então, tudo o que não condiz à sociedade machista, consumista, patriarcal e conservadora é próprio da contracultura. Vale à pena observar aqui que *Morangos Mofados* fora ainda publicado durante o regime militar no Brasil, o que demonstra que a temática da contracultura nas narrativas de Caio F. apresentam um cunho ideológico de contestação dos padrões sociais, sejam eles comportamentais ou religiosos.

O conto “Terça-feira gorda” desmascara ao leitor a simplicidade de uma atração e relação sexual entre dois homens. Embora se trate de uma manifestação erótica condenada pela maior parte da sociedade, a homossexualidade confessada por esse narrador é tratada com naturalidade, o que torna a narrativa bastante educativa para jovens. Sem vulgaridade o narrador afirma:

Você é gostoso, ele disse. E não parecia bicha nem nada: apenas um corpo que por acaso era de homem gostando de outro corpo, o meu, que por acaso era de homem também. (ABREU, 2005, p. 57)

Porém, não é só a atração natural homossexual que é apresentada pelo narrador. A repressão e a intolerância estúpida vivenciadas em espaços públicos também são denunciadas por esse narrador-personagem, “Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta olhavam” (p.57). Segundo Leal (1988, p. 115) o narrador não utiliza um discurso enviesado ou metafórico para se encaixar nos padrões comportamentais da sociedade dos anos 1980 no Brasil. É a relação homossexual tal e qual como acontece cotidianamente entremeada de momentos de extremo lirismo, mas que revela o grau de violência vivida por aqueles que ousam apenas trocar afetos em público.

O que você mentir eu acredito, eu disse, que nem marcha antiga de Carnaval. A gente foi rolando até onde as ondas quebravam para que a água lavasse e levasse o suor e a areia e a purpurina dos nossos corpos. A gente se apertou um contra o outro. A gente queria ficar apertado assim porque nos completávamos desse jeito, o corpo de um sendo a metade perdida do corpo do outro. Tão simples, tão clássico. (ABREU 2005, p.59)

No conto há uma progressão semântica em que o grau de violência e homofobia aumenta gradativamente. Diferente do conto “Aqueles dois”, em que a relação homossexual é sugerida e velada, no “Terça-feira gorda” essa relação é descrita diretamente. E,

paralelamente à gradação singela da atração afetiva, acontece os atos de repressão sexual. Do xingar e humilhar com palavras, até a cena do espancamento na praia. Através de fragmentos do conto em questão, vejamos um contraponto entre o lirismo da afetividade dos personagens gays e a barbárie da intolerância social:

---

<b>AFETIVIDADE</b>	<b>VIOLÊNCIA</b>
<b>“Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos”. (p. 57)</b>	“Ai-ai, alguém falou em falsete, olha as loucas, e foi embora. Em volta, olhavam” . (p. 57)
<b>“E fomos saindo colados no meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos”. (p. 58)</b>	“Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse”. (p. 58)
<b>“Eu olhei para cima e mostrei olha lá as plêiades (...)”. (p. 58)</b>	“Veados, a gente ainda ouviu, recebendo na cara o vento frio do mar”. (p.58)
<b>“Plâncton, ele disse, é um bicho que brilha quando faz amor. E brilhamos”. (p. 59)</b>	“Mas vieram vindo, então, e eram muitos. (...) O ponta pé nas costas fez com que eu me levantasse”. (p. 59)

---

A apresentação destes fragmentos do conto nos revela o quanto a violência contra os homossexuais é banal. Observem que em todo o conto há o relato da intolerância. À medida que a afetividade aumenta, mais aumenta o nível de agressão. O choque da agressão deliberada é o trunfo de um narrador tão despojado. Chocante também é a apresentação do relato, pois o narrador demonstra a disparidade existente entre o lirismo do encontro amoroso e a brutalidade da reação causada pela coragem do casal. Mesmo procurando privacidade longe da festa, o par gay é perseguido por várias pessoas (o conto não revela se são homens ou mulheres) com o único objetivo de reprimi-los a partir da força. Dessa forma, o narrador de Caio F. não só tem a coragem de relatar um encontro gay, mas também de denunciar a violência sofrida por eles em seu cotidiano.

A intolerância, seja ela qual for, é fruto da desinformação. E em países como o nosso em que a educação e a informação são artigos de luxo, a intolerância sexual é fortemente marcada por atos de covardia e agressão, em que não é considerado nem o direito básico da liberdade individual.

Outro fato que nos chama a atenção neste conto é a afinação entre o tempo e o narrador. Narrado em primeira pessoa, como já fora dito, o narrador personagem relembra fatos já vividos por ele. A rememoração do passado em que as vivências se transformam em testemunho credita o relato. Segundo Braga Júnior,

A recordação é um elemento presente em boa parte da ficção de Caio Fernando Abreu e sua função está em articular uma visão marginal do autor a resíduos incômodos da memória afetiva de narradores e personagens (2006, p. 80).

Contado de forma linear que se inicia com a troca de olhares dos personagens e finaliza com a separação abrupta causada pelo espancamento de ambos, o conto apresenta a progressão tradicional do conto clássico. Diferente, portanto, de outros contos do mesmo *Morangos Mofados*, como por exemplo o conto “Aqueles dois”, que possui também o tema da homofobia, porém o relato se desenvolve de forma circular em que fragmentos do conto são interpostos como um quebra-cabeças. Exigindo um pouco mais do leitor na articulação da semântica narrativa.

O trabalho com adolescentes em sala de aula e fora dela, a partir da leitura de contos de Caio Fernando Abreu, consta de um desafio permanente, porque esse escritor apresenta temas sociais inquietantes que desestabilizam o leitor, mesmo os experientes.

Nesta fase do ser humano, a adolescência, em que a identidade pessoal está procurando e necessitando de fortalecimento, é provocante e até mesmo perturbante leituras que questionam a ordem já estabelecida por dogmas tradicionais. Esses dogmas sufocam os adolescentes que procuram na arte a resposta que não encontram em outro segmento social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas cidades, 2003.

BRAGA, Patrícia Colavitti. O ensino de Literatura na *Era dos extremos*. **Revista Letra Magna**: Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 03- n.05 -2º Semestre de 2006. ISSN 1807-5193

BRAGA JÚNIOR, Luiz Fernando Lima. **Caio Fernando Abreu**: Narrativa e Homoerotismo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006. (Tese de doutorado)

HOLANDA, Heloísa Buarque. Hoje não é dia de rock. In: ABREU, Caio Fernando. **Morangos mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência**: um estudo sobre, Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

LEAL, Juliana Helena Gomes. A dupla face do discurso homoerótico: Caio Fernando Abreu e Pedro Lemebel. **Caligrama**: revista de estudos românicos. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. v.1, dez. 1988.